

O Muro de Berlim pelo fotógrafo Ubirajara Dettmar. Em exposição no Hotel St. Paul. Página 4



Tônia Carrero e Paulo Autran, a dupla de SASSARICANDO, mostra hoje e amanhã, na Villa-Lobos, a peça Mundo, Vasto Mundo. Página 3

CORREIO BRAZILIENSE – BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 1990

CORREIO BRAZILIENSE 13 JUN 1990 DF - Cultura

O desejo de ser útil até a morte

Com a morte decretada pelo governo Collor, a Funarte edita o seminário *Desejo* com ajuda da Companhia das Letras.
Uma façanha nestes tempos de Pedro Mico

Luis Felipe Miguel
Especial para o CORREIO

Podem ser questionadas várias das iniciativas da falecida Funarte - uma das muitas vítimas da fúria anticultural do governo Collor. Mas pelo menos três vezes, nos últimos anos, a Funarte acertou em cheio: ao promover os seminários livres "Os sentidos da paixão", "O olhar" e "O desejo". Como já ocorreu com os dois primeiros, *O desejo* agora aparece em forma de livro, numa co-edição da Funarte com a editora Companhia das Letras.

Se o preço - Cr\$ 1.750,00 - parece salgado para os baixos salários de um trabalhador brasileiro, não o é em comparação com a média do mercado editorial nacional, cujos livros estão entre os mais caros do mundo. Afinal, são mais de 500 páginas de papel de primeira qualidade, em formato maior do que o padrão, com ilustrações em cores, numa edição extremamente bem-cuidada. Mas seu grande interesse reside mesmo no conteúdo.

São 25 artigos (é a introdução do organizador Adauto Novaes) que apresentam a temática "desejo" sob os mais diversos pontos de vista - históricos, filosóficos, literários, psicanalíticos, estéticos. Circulam por eles personagens tão distintos quanto Platão e o padre Antônio Vieira; Marx e Marcel Proust; Sade e Walter Benjamin; Goya e Freud. O time dos autores também é de primeira, incluindo os filósofos Marilena Chauí e Sérgio



Marilena Chauí: no time dos autores

Lubrificantes - É difícil destacar um ou outro entre os muitos textos de inegável valor que compõem a coleção. Mas é impossível não mencionar, por exemplo, "A neutralização do prazer", do filósofo francês Gérard Lebrun. É uma erudita exploração sobre o lugar do prazer na filosofia grega do século IV a.C., protagonizada por Platão, Aristóteles e Epicuro. Todos eles consideravam o prazer como um bem, deixando de sé-lo somente quando a dor a ele se junta. Porém, como observa Lebrun (acompanhando Kant), hoje não aceitamos mais esta valoração: "bem" é um juízo ético realizado pela razão; as sensações são apenas agradáveis ou penosas.

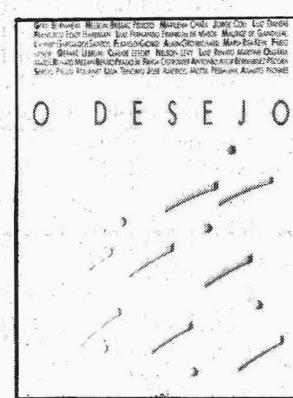
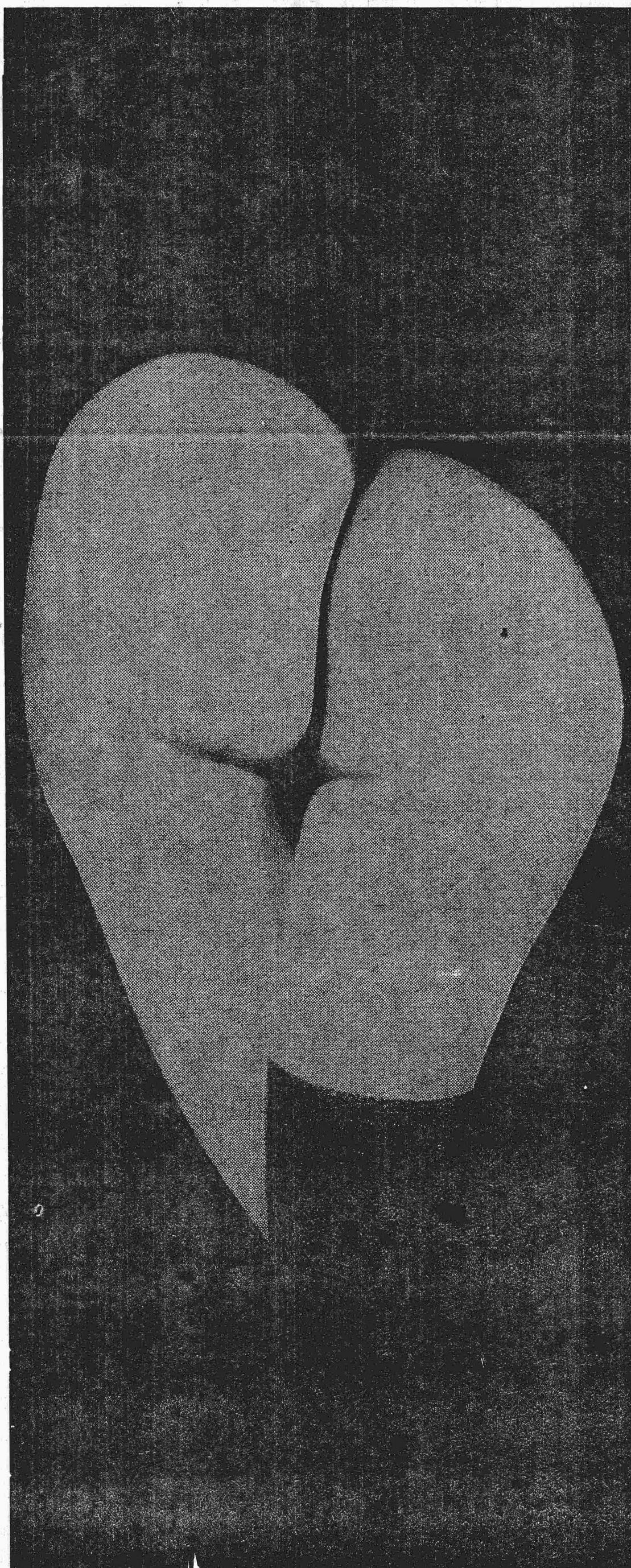
O professor Flávio Di Giorgi, em "Os caminhos do desejo", oferece ao leitor um fascinante e inusitado passeio pela etimologia de palavras como "amor", "orgasmo" e "desejo" - revelando, entre outras coisas, uma surpreendente proximidade entre a "libido" e os "lubrificantes". A filósofa Olgária Matos, estudiosa da Escola de Frankfurt, retoma sua discussão sobre a obra de Walter Benjamin, vista em contraposição tanto à Descartes quanto a Marx, na conferência "Desejo de evidência".

"O desejo libertino entre o Iluminismo e o Contra-Iluminismo" é o título da conferência de Sérgio Paulo Rouanet. Há muito o diplomata, filósofo e - agora - candidato à Academia Brasileira de Letras elegeu o Iluminismo como tema predileto de estudos. Em 1987, seu livro *As razões do Iluminismo* causou polêmica ao bater forte contra o irracionalismo

"pós-moderno" então em voga. Sua conferência mostra, com a erudição e a clareza características, a confluência entre a libertinagem erudita (o termo "libertino" designava o livre-pensador, no século XVII) e a libertinagem dos costumes. Segue, desta forma, a linha de obras como *Boêmia literária e revolução*, do americano Robert Darnton, e do seu próprio *O espectador noturno*, ambos estudos sobre subliteratos e filósofos menores do período da Ilustração; gente que combinava em seus escritos anticlericalismo e devassidão, seguindo o exemplo do romance *A religiosa*, de Diderot.

Alcova - Claude Lefort, por sua vez, dedica-se a uma releitura de *A filosofia na alcova*, um daqueles textos muito comentados e pouco conhecidos do Marquês de Sade. Lefort é um mestre neste tipo de releitura; extrai do texto tudo o que é dito ou apenas insinuado, reconstrói suas referências e o reapresenta, inteiramente transformado, ao leitor. Basta ver, por exemplo, seu comentário ao *Discurso da servidão voluntária*, do pensador quinhentista francês Etienne de la Boétie, publicado em português pela Brasiliense. No fim, a releitura pode parecer ter muito de Lefort e pouco do Marquês de Sade. Não importa. A conferência é curta - sua reprodução ocupa 14 páginas - mas extremamente rica em observações cortantes sobre a relação entre volúpia e corrupção; ou, como diz seu título, "o desejo de saber e o desejo de corromper".

Infelizmente, *O desejo* marca o fim dos seminários livres. Sem o suporte de uma instituição governamental como a Funarte, dificilmente se terá condições de realizar um evento destas dimensões. O Brasil perde um fórum privilegiado onde se pensava a contemporaneidade. Mas, nestes tempos de Pedro Mico, pensar parece cada vez mais supérfluo.



Trecho

A palavra desejo tem bela origem. Deriva-se do verbo *desidero* que, por sua vez, deriva-se do substantivo *siderus* (mais usado no plural, *sidera*) significando a figura

formada por um conjunto de estrelas, isto é, as constelações. Porque se diz dos astros, *sidera* é empregado como palavra de louvor — o alto — e, na teologia astral ou astrologia, é usado para indicar a influência dos astros sobre o destino humano, donde *sideratus*, siderado: atingido ou fulminado por um astro. De *sidera*, vem *considerare* — examinar com cuidado, respeito e veneração — e *desiderare* — cessar de olhar (os astros), deixar de ver (os astros).

Pertencente ao campo das significações da teologia astral ou astrologia, *desiderium* insere-se na trama dos intermediários entre Deus e o mundo dos entes materiais (corpos e almas habitantes de corpos). Os intermediários siderais, eternos e etereos, exalam diáfanos envoltórios com que protegem nossa alma, dando-lhe um corpo astral que a preserva da destruição quando penetra na brutalidade da matéria, no momento da geração e do nascimento. Pelo corpo astral, nosso destino está inscrito e escrito nas estrelas e *considerare* é consultar o alto para nele encontrar o sentido e guia seguro de nossas vidas. *Desiderare*, ao contrário, é estar despojado dessa referência, abandonar o alto ou ser por ele abandonado.

O Desejo — Organização de Adauto Novaes. Editora Companhia das Letras, Funarte. São Paulo/Rio de Janeiro, 1990, 504 páginas, Cr\$ 1.750,00.